

# Política

Senado Parecer e decisão pelo voto aberto reduzem as chances de salvação do mandato dos senadores

# ACM e Arruda ficam mais perto da cassação

César Felício

De Brasília

O senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) perdeu ontem a primeira batalha no Conselho de Ética do Senado que discute o seu processo por falta de decoro. O relator Saturnino Braga (PSB-RJ) decidiu correr o risco de ser acusado de fazer um pré-julgamento de ACM e do senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) e pediu claramente em seu parecer a cassação de ambos. Até senadores da oposição temiam que isto enfraquecesse a disposição do presidente do órgão, Ramez Tebet (PMDB-MS), de promover a votação aberta do relatório, que será dia 23 de maio. Mas o pemedebista recusou a questão de or-

dem apresentada pelo carlista Waldeck Ornélas (PFL-BA), para que a votação fosse secreta.

O outro aliado de ACM no Conselho, Paulo Souto (PFL-BA) expôs toda a sua preocupação com o que significa o voto aberto: "O Conselho têm 16 integrantes, que votarão abertamente. Isto significa divulgar qual a tendência de 20% dos senadores da Casa no momento em que chegar a votação da cassação", disse.

Não foi a única derrota: suplente do Conselho e a favor da cassação, o senador Antero Paes de Barros (PSDB-MT) pediu que Arruda fosse excluído do Conselho, alegando que o ex-tucano superou o número de faltas permitida. A questão será decidida na próxima semana. Mais grave

para os carlistas foi a perfeita coordenação entre senadores do PMDB, do PSDB e da oposição contra os seus interesses.

Além da ação do tucano Paes de Barros, Saturnino optou pela versão mais dura possível que poderia adotar em um relatório para um processo de cassação que não começou oficialmente. Foi o pemedebista Gerson Camata (ES) que apresentou uma questão de ordem, antes de Saturnino ler seu parecer, indagando se a votação seria aberta ou secreta, imediatamente respondida por Tebet a favor do voto aberto. Esta resposta serviu de pretexto para Tebet descartar o pedido de Ornélas, alegando que o assunto já havia sido decidido. "A regra agora é o arbítrio", pro-

testou Ornélas.

Um recurso ao Supremo Tribunal Federal chegou a ser mencionado por Ornélas contra o voto aberto, mas a tendência é ACM não recorrer à Justiça. Seria pedido um mandado de segurança alegando que a Constituição estaria sendo ferida, já que a Carta exige que o processo de perda de mandato seja por voto secreto em todas as suas instâncias e que, por mencionar cassação, Saturnino teria antecipado o processo, que só começa oficialmente quando a Mesa Diretora do Senado receber uma representação de um partido pedindo a expulsão de ACM e Arruda do Senado.

Há incerteza sobre quem teria que entrar com este recurso, se ACM ou um integrante do Conse-

lho, e teme-se que, em caso de uma liminar ser concedida suspendendo a votação, isto seja visto como uma interferência no Poder Legislativo. Este entendimento poria abaixo um dos eixos da defesa de ACM e dos carlistas no Conselho de Ética: o de que o Congresso Nacional deve se portar com autonomia diante da pressão da opinião pública, da mídia e de setores do governo federal que querem o fim do seu mandato.

A hipótese da renúncia antes do começo do processo de cassação, defendida por vários carlistas, ainda é descartada por ACM. "Não renuncio. Vou enfrentar o processo (de cassação)", disse o senador baiano depois da sessão do Conselho de Ética. Apesar do

desmentido categórico, o pefelista mais uma vez voltou a sinalizar uma troca do cenário nacional pelo regional. "Eu não temo o linchamento político, porque tenho ao meu lado a Bahia. Eu tenho votos", disse.

Antonio Carlos Magalhães insistiu em dizer que manterá a estratégia de negociar voto a voto com os senadores argumentando que o parecer de Saturnino fere normas jurídicas e que o Senado precisa se mostrar imune a pressões. "O relatório é uma colcha de retalhos, político e não jurídico. Será possível que o Senado queira atender a opinião pública manipulada e outros interesses se constringendo? O Senado precisa lutar pela sua autonomia", disse.